

## **Resumos do II Encontro da ABECS, UFMG, 3 a 5 de outubro de 2002.**

### **A literatura cabo-verdiana entre o oral e o escrito**

Dulce Almada Duarte, Praia (Cabo Verde)

Na fase actual em que se encontra o crioulo, ainda profundamente marcado pela oralidade original, ele deve inventar a variedade escrita que lhe falta, e não apenas, como é evidente, fazendo o decalque das estruturas escritas do português. O crioulo oral é diferente do português do ponto de vista gramatical e semântico. Ao pretender-se escrever o crioulo, ainda que se seja, muitas vezes, tentado a referir-se ao modelo português, a língua cabo-verdiana não pode, de modo nenhum, ser uma simples transposição do crioulo oral. Daí que o acesso à escrita seja uma operação muito complexa, dado que o crioulo deve encontrar o seu caminho próprio entre o modelo do crioulo oral e o modelo do português escrito. Só assim se poderá obter uma obra escrita, bem diferente duma simples transcrição da língua oral, a qual, em língua nenhuma, pode dar nascimento a uma verdadeira literatura. Esta afirmação é tanto mais verdadeira quanto, para além dos traços puramente linguísticos que distinguem uma língua oral de uma língua escrita, entre o crioulo e o português existe, antes de mais, uma diferença de culturas de que a língua é o principal reflexo.

### **SLA in a multilingual community: the case of Anglophone Cameroon**

Marie-Louise Njong Mallah (National University of Singapore)

In this paper, I present the second language learning experience in the context of Anglophone Cameroonian learners of English who undergo one of the most convoluted experiences in the acquisition of a mainstream language.

Cameroon's unique colonial history lends her the inheritance of two fundamentally different mainstream languages, French and English, which are official languages in Francophone and Anglophone Cameroon respectively. However, economic and administrative power is concentrated in the 80% Francophone zone with the 20% Anglophone population outnumbered and marginalized, leading to relatively less exposure to English since French is widely used over the national media. As such, language acquisition policies in Anglophone Cameroonian have been plagued with political and socio-economic implications. Educational policies and the learning experience have therefore remained inadequate, deficient, and open to a lot of western interference.

In addition to this bilingual experience that exposes the learners of English to French influence are a variety of indigenous languages that number up to 286 (SIL, 2002) and Pidgin, an English-based lingua franca that is the primary language of most of the Anglophone population. Because of the disparity in the grammar structure and cultural backgrounds of the primary and target languages, the second language acquisition experience has been a very difficult one. Even more complicating is the fact that Pidgin derives its lexicon from English, since the two languages may seem alike but actually have fundamental grammatical and cultural differences as in the lack of inflections, absence of copula, domesticated vocabulary/pronunciation, double negation, semantic inversion, reduplication etc. inherent in the grammar of pidgin.

Further to these linguistic factors is the presence of severe prejudice and stereotypes in the community, manifested in the form of negative attitudes towards the learners' primary languages and veneration of the target language that further frustrates the learning process.

### **O vocabulário e a criatividade da “cupópia”**

Silvio Vieira de Andrade, Sorocaba (SP)

No Caxambu, localidade rural do município de Sarapuí, Estado de São Paulo, existiu no século XIX uma comunidade negra que usava uma fala com um vocabulário de origem africana denominada “cupópia”. No começo do século XX, esta foi transportada para a comunidade vizinha do Cafundó no município de Salto de Pirapora, Estado de São Paulo. O Caxambu já não mais existe como comunidade negra, estando os seus habitantes espalhados na periferia de algumas cidades vizinhas. O mundo dos objetos dos usuários da “cupópia” é maior que o seu vocabulário africano. Este mundo tem que ser expresso linguisticamente por seus usuários. Como resolvem isto com um vocabulário tão pequeno? Nesta palestra, serão apresentados os recursos a que estão submetidas as palavras da “cupópia” bem como as suas características.

### **A realidade das línguas africanas no Brasil: um perspectiva nova de estudo**

Yeda Pessoa de Castro (Salvador)

A consequência mais direta do tráfico de escravos de África para o Brasil foi a alteração do português na colônia sul-americana. Em poucos outros, se algum, outro setor cultural, lato senso, foi a influência africana tão direta, rápida, profunda quanto na língua falada. Isso se fez sentir em todos os setores, sintático, semântico, léxico, prosódico. A influência não foi única, nem poderia havê-lo sido: cada língua ou grupo linguístico africano teve sua

influência própria. Tradicionalmente, considera-se que a maior delas tenha sido a do iorubá. Ultimamente, a partir de novos tipos de dados obtidos através de uma reorientação metodológica no campo da pesquisa linguística e etnolinguística, levanta-se a importância das culturas e dos falares bantos e reabre-se o capítulo da História da Língua Portuguesa no Brasil que parecia ter-se encerrado com os estudos dos anos 30 sobre a parte de interferência africana nas diferenças que afastaram o português do Brasil do de Portugal.

### **Informações e observações sobre a Língua Geral de Mina**

Aryon Dall'Igna Rodrigues (Lab. de Línguas Indígenas, IL, UnB)

A “Obra nova da língua geral de Mina” de Antônio da Costa Peixoto é o único documento conhecido que registrou o uso de uma língua africana falada por escravos na região de Vila Rica, atual Ouro Preto, MG, no século XVIII. Há duas versões manuscritas, uma menos desenvolvida e mais antiga, de 1731, na Biblioteca Nacional de Lisboa, e a outra mais ampla, na Biblioteca de Évora, datada de 1741. Com base nesta última foram feitas duas edições por iniciativa do Dr. Luís Silveira, então Inspetor Geral dos Arquivos e Bibliotecas de Portugal, nos anos de 1954 e 1955. É provável que a primeira tenha sido destruída pela censura governamental da época, ao passo que a segunda ficou com a distribuição restrita, subordinada, exemplar por exemplar, à aquiescência do Agente Geral de Ultramar. De posse de um exemplar dessa última, obtido, por recomendação do Dr. Silveira, diretamente no gabinete daquele agente, em 1957, confrontei essa reprodução na Biblioteca de Évora com o manuscrito mais longo, em que se baseou, e anotei todos os enganos de leitura que escaparam a Silveira, assim como copiei as passagens em Português que tinham sido omitidas por escrúpulos éticos ou por receio da censura, e também algumas expressões na língua africana, omitidas por descuido do copista ou do impressor. Ainda na Europa, onde fiz um semestre de língua Ewe na Universidade de Hamburgo, comecei a comparar o léxico da “Obra nova” com o grande dicionário Ewe de Westermann, trabalho que não pude completar antes de voltar para o Brasil. Aqui só tive outra oportunidade de retomar a verificação dos dados de Costa Peixoto no final da década de 80, quando pude trabalhar, na UNICAMP, com um grupo de estudantes da República do Benin, falantes de Fõ, de Gu~ e de Mahi, três membros do complexo dialetal Ewe. O falante de Fõ dispôs-se a me ajudar a confrontar todos os dados do velho documento. Entretanto, minha saída da UNICAMP para a UnB, em 1988, novamente me afastou desse trabalho. Agora, entretanto, considerando que se tem desenvolvido particular interesse por essa língua e aproveitando a realização deste congresso em Minas Gerais, procuro comprometer-me com a divulgação do trabalho já feito e começarei apresentando nesta comunicação as informações que tenho da obra de Costa Peixoto e uma amostra das comparações com variedades da língua Ewe faladas presentemente na África ocidental.

### **Palavras de origem africana nos dicionários Houaiss e Aurélio século XXI**

Margarida Maria Taddoni Petter (USP)

Esta comunicação objetiva analisar os termos definidos como africanismos pelos dicionários: *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* e *Novo Aurélio Dicionário de Língua Portuguesa Século XXI*, buscando compreender a extensão do conceito de “africanismo” e procurando discutir o conhecimento disponível sobre a presença das línguas africanas no léxico do português do Brasil.

### **Variações fonológicas no crioulo e no português da Guiné-Bissau**

João José Utiron & José Olímpio de Magalhães (UFMG)

O crioulo da Guiné-Bissau resultou da fusão do português com as línguas autóctones. Embora haja um crioulo oficial (aquele usado em situações mais específicas de comunicação e falado por moradores da cidade), os guineenses que não têm o crioulo como língua materna e que o falam precariamente trazem para o sistema fonológico do crioulo oficial, assim como para o do português, as realizações fonéticas de sua língua materna (a língua do grupo social a que pertencem). Nesta comunicação, analisaremos realizações fonéticas feitas por falantes dos grupos sociais Balanta, Bijagó, Mancanha (ou Brames), Manjaco e Papel que conseguem se comunicar, embora precariamente, em português e em crioulo oficial. Além disso, mostraremos casos de variações livres praticados pelos falantes que têm como língua materna o crioulo.

### **Evidências de crioulação abrupta em kokáma, língua indígena amazônica**

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (UnB) & Aryon Dall'Igna Rodrigues (UnB)

Um caso muito especial de resultado de contato linguístico na Amazônia Ocidental é o Kokáma, uma língua indígena amazônica da qual nem o léxico nem a gramática vêm de uma única língua fonte (Rodrigues 1985). Embora cerca de 60% do vocabulário básico do Kokáma seja de origem Tupí-Guaraní, muito provavelmente de fonte Tupinambá, a sua gramática é radicalmente diferente da gramática Tupí-Guaraní, e também não é derivável de nenhuma das outras línguas que deixaram marcas no seu léxico (uma ou mais línguas Aruák, uma língua Pano, e o

Quêchua). Há evidências lingüísticas de que o Kokáma teria emergido do contato de falantes de línguas de origens genéticas distintas e tipologicamente diferentes em uma situação que teria exigido um meio comum de comunicação, sem que houvesse tempo hábil para que nenhuma das línguas presentes no cenário do contato pudesse ser aprendida por inteiro (Cabral 1995).

Neste trabalho, com base em Thomason e Kaufman (1988), aprofundaremos a discussão já iniciada em Cabral (1995) de que o Kokáma pode ter surgido de uma situação de contato que teria propiciado a emergência de uma língua com características de língua crioula, mas que teria se desenvolvido sem uma fase pidgin, constituindo, dessa forma, uma língua análoga ao que foi chamado por Thomason e Kaufman (1988) de crioulo abrupto.

#### **A variedade lingüística falada por bilíngües em Rondônia.**

Odete Burgeile (Fundação Universidade Federal de Rondônia- UNIR)

Doutoranda do Departamento de Filologia Inglesa, francesa e Alemã da Universidade de Vigo-Galiza-Espanha.

odeteb@hotmail.com

Este trabalho examina o contexto histórico-social na qual o crioulo inglês trazido de Barbados se originou e a situação lingüística originada pelas circunstâncias excepcionais de escravidão e colonização. Em seguida, explica as causas da imigração deste grupo de barbadianos e granadinos para Rondônia. Após breve relato do contexto histórico-social, que é essencial para a compreensão de algumas características lingüísticas encontradas nesta variedade, este estudo passa a descrever aspectos morfosintáticos dos dados, mostrando divergências do inglês padrão, isto é, traços do crioulo inglês falado em Barbados e Granada, ocasionalmente mostrando influência do português e variedades relacionadas. Foram entrevistadas trinta pessoas da 1ª e algumas da 2ª geração por ainda manterem uma conversação fluente na variedade aprendida em casa e pela disponibilidade em realizar as gravações. Foram também realizadas gravações com mais dez informantes em Barbados, programas de rádio e outras gravações contendo o dialeto barbadiano. Autores como Allsopp (1996), Couto (1996), Mello (1997) e Holm (2000) foram consultados para conduzir este trabalho. Com este estudo, foi possível observar que muitos aspectos morfosintáticos apresentaram paralelismos com o inglês de Barbados e Granada, ou influência do português e de outras línguas “pidgins” e crioulas.

#### **Os resquícios africanos de substrato bantu na Índia: um conspecto e um projeto integrado de resgate**

Jean-Pierre Angenot, Geralda Angenot-de Lima & Barbara Kempf

Bem antes do tráfico negreiro para as Américas e, depois, paralelamente a ele, existiu outro tráfico semelhante, praticamente esquecido pela História, que transplantou inúmeros escravos da África Oriental para o Extremo-Oriente asiático, das Índias até a China. Esse “comércio” iniciado pelos árabes e retomado pelos portugueses prosperou até o século XIX. Haveria hoje cerca de 250.000 afro-indianos no seio de uma população somada de um bilhão e cento e setenta milhões de indianos, paquistaneses e cingaleses. Na Índia, as principais comunidades de siddis ou habshis (abissínio, em árabe), como são geralmente denominados esses descendentes dos escravos, concentram-se nos estados de Gujarat, Andhra Pradesh, Maharashtra, Goa, Karnataka e Kerala. Com a exceção dos ditos siddis reais, um grupo islamizado originário de populações cuchíticas e hamíticas da Etiópia, os demais afro-indianos, de origem bantu (Kenya, Tanzânia, Moçambique), pertencem à casta inferior dos *dalit*, i.e. dos “intocáveis” dentro do sistema hinduista, sendo, em alguns estados, paradoxalmente beneficiados pelo estatuto oficial de “tribo repertoriada”. A maioria dos siddis são muçulmanos mas, em Goa e no Karnataka, muitos deles aderiram ao hinduísmo ou ao catolicismo, sem ter renunciado a algumas práticas trazidas da África. Somente as populações afro-indianas do Gujarat já foram o objeto de esboços de pesquisas antropológicas e etno-musicológicas. Até hoje não há o menor indício de algum estudo lingüístico relativo a qualquer falar dos siddis, além de simples observações sobre o fato de que, nas regiões onde se fixaram, os diversos grupos falariam variantes dialetais, percebidas como “deturpadas”, das diversas línguas adotadas por eles, algumas indo-arianas (gujarati, urdu, dialeto cutchi do sindhi, marathi e konkani) e outras dravidianas (kannada, tulu, malayalam). Menciona-se, não poucas vezes, que seus dialetos são enxertados por palavras e frases supostamente oriundas de línguas bantus que lembrariam o swahili. No presente paper apresentar-se-á, primeiramente, um apanhado geral da situação social, cultural e lingüística dos núcleos afro-indianos localizados. Em segundo lugar, discutir-se-á a metodologia a ser usada para a execução de um programa de resgate etno-lingüístico do idioma dos ditos siddis-konkani, que são os descendentes dos escravos bantus que fugiram da Goa colonial, para aquilombar-se fora dos limites das possessões da Coroa Portuguesa, nas densas florestas montanhosas dos Ghats Ocidentais, no atual distrito de Uttar Kannad, no Karnataka. O projeto integrado, que é coordenado por dois linguistas da UNIR, de primeira formação bantuista, J.-P. Angenot e B. Kempf, e que conta com a colaboração das universidades de Goa (departamento de konkani e departamento de português) e de Leiden (departamento de lingüística africana), pretende identificar quais seriam os

resquícios do substrato bantu na constituição desse dialeto afro-indiano de superstrato indo-ariano konkani, assim como as contribuições dos adstratos português e kannada, língua dravidiana dominante no Karnataka.

### **Perda ou aquisição no português brasileiro?**

Norma da Silva Lopes (UNEB)

Este trabalho observa a variação da concordância de número no sintagma nominal do português brasileiro (PB) e revela duas tendências diferentes entre os diversos grupos, em acordo com o relatado por Naro & Scherre (1991:15). A análise das faixas etárias no grupo de sobrenome religioso, em dados de Salvador, Bahia, revela aumento de concordância nas faixas etárias mais novas, numa tendência que sugere aquisição da regra, enquanto o grupo de sobrenome não religioso mostra o contrário, redução da concordância. Como o grupo de sobrenome religioso é considerado como de ancestralidade negra (segundo Azevedo (1983), é perfeitamente compreensível o fato de esse grupo estar adquirindo a concordância.

O conhecimento das características da sociedade de Salvador, nos séculos de escravidão e logo após a abolição, leva à conclusão de que os descendentes de muitos dos negros escravos, nessa cidade, podem refletir um português com mais diversidade que o restante da população. Muitos dos seus antepassados não tiveram o português como L1, eram possuidores de variedades diversas do português, muitas vezes adquiridas a partir de dados primários apresentados por falantes que também não tinham o português como L1. A partir do momento em que o processo de escolarização, os meios de comunicação e o próprio contato com outros grupos iniciaram a ampliação da linguagem dessa população em direção ao padrão de uso em Salvador, a regra de concordância passou a ser, pouco a pouco, assumida. Dessa forma, apesar de o grupo de sobrenome religioso fazer, ainda hoje, menos concordância que os outros grupos, ele demonstra aquisição da concordância e aproximação, pouco a pouco, da linguagem comum usada pelas pessoas em geral.

AZEVEDO, Eliane. Sobrenomes no Nordeste e suas relações com a heterogeneidade étnica. *Estudos econômicos* No. 13 (1): 103-116, jan./abr. 1983.

NARO, Anthony N. & SCHERRE, Maria Marta Pereira. Variação e mudança lingüística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. *Cadernos de estudos lingüísticos* (20): 9-16). Campinas: Unicamp, Jan./Jun. 1991.

### **Comunicação coordenada – O domínio da norma culta pelo aluno de 5ª série da escola pública de Belo Horizonte – o perfil do aluno**

Evelyne Dogliani Madureira (Coordenadora) - UFMG

Valdênia Márcia de Almeida –

Maria Isabel Maria Campos –

Marcos Celírio Santos –

Esta comunicação visa à apresentação dos resultados parciais da pesquisa – **Oralidade e aquisição da norma culta** - que está sendo implementada em escolas públicas de Belo Horizonte, por alunos da Graduação da FALE/UFMG. Esses resultados parciais dizem respeito à realização da 2ª etapa da pesquisa, quando foram testadas as habilidades de leitura e escrita dos alunos de 5ª série.

### **Comunicação coordenada – Avaliação das atividades orais nas aulas de português da escola pública de Belo Horizonte**

Evelyne Dogliani Madureira (Coordenadora) - UFMG

Poliana Silva Braga

Maria Aparecida Araújo

Angela Raquel de Araújo Valle Correa

Nesta comunicação serão apresentados os resumos de observação das atividades orais das aulas de português de 05 (cinco) escolas públicas de Belo Horizonte. A observação desse tipo de atividade constituiu a 1ª etapa da pesquisa **Oralidade e aquisição da norma culta**, que está sendo realizada, por graduandos da FALE/UFMG, em escolas públicas de Belo Horizonte.

### **OBSERVAÇÕES ADICIONAIS**

A) O conteúdo das comunicações propostas relaciona-se aos itens 6 e 7 da relação dos temas propostos para o Encontro da ABECS, quais sejam: **Aquisição de segunda língua** e **Aquisição de primeira língua**. Os dois temas

relacionam-se, dentro do projeto **Oralidade e aquisição da norma culta**, através da hipótese que guia a pesquisa, qual seja: a aquisição da norma culta deve guiar-se, em parte, pela metodologia de aquisição de segunda língua, já que o desempenho de grande parte dos falantes exibe a língua padrão como segundo dialeto. No processo de aquisição desse segundo dialeto, atividades orais que possibilitem contrastar variantes lingüísticas são fundamentais.

B) As escolas em que a pesquisa **Oralidade e aquisição da norma culta** está sendo realizada são as seguintes:

Escola Estadual Francisca Malheiros  
Escola Estadual Alberto Delpino  
Escola Estadual Bernardo Monteiro  
Escola Estadual Barão do Rio Branco  
Escola Municipal Artur Versiane Veloso

Antônio Lessa

Este trabalho se propõe a examinar a situação da língua geral na Amazônia da segunda metade do século XVIII. Esse período foi marcado, sobretudo, pela administração pombalina, que estabeleceu uma nova política para a região. Sabe-se que no período em questão houve um esforço para coibir o uso da língua geral, que era então o principal instrumento de comunicação entre os colonos e os indígenas e entre os diferentes grupos indígenas. Com base nos estudos sociolingüísticos, pretende-se observar o uso da língua geral, levando-se em conta fatores como a distribuição geográfica e as mais variadas situações lingüísticas (viagens, contato com os indígenas, doutrinação, entre outras). Os relatos dos viajantes que passaram pela região amazônica constituem a principal fonte de informação deste trabalho. Cada viagem foi classificada segundo seu objetivo (reconhecimento, demarcação de fronteiras, catequese, etc), percurso e ano de realização. O papel dos línguas também merece destaque. É importante conhecer a origem desses intérpretes (índios convertidos, colonos) para entender as estratégias de comunicação entre os viajantes e as tribos indígenas. Com este trabalho, espera-se contribuir para os estudos da língua geral na Amazônia, no sentido de delinear uma história social do tupi dessa região que esclareça quando e como se utilizava essa língua em situações de comunicação.

#### **A formação da “língua geral corrupta” nas missões jesuíticas do Baixo Amazonas (século XVIII): uma hipótese de pesquisa**

Maria Cândida Drumond Mendes Barros (Museu Emílio Goeldi - Belém)

Algumas fontes jesuíticas da Amazônia no século XVIII fazem menção de que nas missões jesuíticas da região se falava uma variedade de tupi diferente daquela empregada nas gramáticas e nos catecismos jesuíticos impressos. O jesuíta João Daniel (1722-1776) denominou esta variedade de "língua geral corrupta", em oposição à "língua geral verdadeira", identificada com sendo a variedade usada no material impresso em tupi.

O objetivo do trabalho será apresentar os resultados preliminares de uma pesquisa em sociolingüística histórica em que se procurou:

a) localizar e datar o surgimento desta variedade colonial de tupi a partir de fontes jesuíticas, tais como dicionários, gramáticas e crônicas. Uma hipótese de trabalho é de que as missões do Baixo Amazonas foram um dos locais de formação da variedade colonial do tupi durante a primeira metade do século XVIII.

b) descrever as condições sociais da formação da “língua geral corrupta”. A hipótese é de que a variedade colonial do tupi teria surgido no período em que as missões jesuíticas tiveram um maior número de índios “tapuias” (não tupi) do que de índios de origem tupi. No Baixo Amazonas, essa mudança na composição étnica das missões jesuíticas ocorreu no século XVIII.

#### **O falar de Conceição de Ibitiboca: indícios de traços crioulos?**

**Terezinha Cristina Campos Resende (UFRJ)**

Este trabalho apresenta resultados de um estudo piloto realizado no arraial de Conceição de Ibitiboca, uma das povoações mais antigas de Minas, que nasceu do ciclo do ouro, no final do século XVII. Até 1973, quando foi criada a 3km do arraial o Parque Estadual do Ibitiboca, o local era considerado semi-isolado devido a seu difícil acesso. Com a criação do parque, o crescente fluxo de turistas está alterando a dinâmica socioeconômica do lugar e vem trazendo inúmeras mudanças capazes de influenciar a cultura e a identidade local, interferindo principalmente nas atitudes dos falantes frente a seu desempenho lingüístico.

Nossa pesquisa, que tem como base o estudo da concordância verbal, pretende focar a variação e o tipo de nivelamento lingüístico como consequência do contato dialetal entre nativos e turistas. Estudos deste tipo ainda podem abrir discussão para o processo de formação do português popular brasileiro, apontando, sobretudo, para o caráter crioulezante do nosso vernáculo. Segundo Lucchesi (2001:41), existe um consenso entre os estudiosos da área em afirmar que a redução ou mesmo eliminação das flexões verbais e a consequente variação das regras de concordância “é um dos reflexos notáveis dos processos de transmissão lingüística irregular, em geral, e dos processos de pidginização/crioulização, em particular.” Nessa etapa da pesquisa estamos trabalhando com dados de informantes semi-analfabetos.

Pesquisas que levam em conta a formação do nosso vernáculo fazem-se necessárias principalmente nas áreas rurais e semi-rurais em que se deu a integração dos escravos africanos e que permaneceram ou ainda permanecem em isolamento, uma vez que suas comunidades de fala podem ser tomadas como retrato lingüístico do que ocorreu no passado.

### **O siddi-konkani, um anti-crioulo do Uttar Kannad, Índia: um projeto de resgate**

Jean-Pierre Angenot, Geralda Angenot-de Lima & Barbara Kempf (UNIR)

Bem antes do tráfico negreiro para as Américas e, depois, paralelamente a ele, existiu outro tráfico semelhante, praticamente esquecido pela História, que transplantou inúmeros escravos da África Oriental para o Extremo-Oriente asiático, das Índias até a China. Esse “comercio” iniciado pelos árabes e retomado pelos portugueses prosperou até o século XIX. Haveria hoje cerca de 80.000 afro-indianos no seio de uma população somada de um bilhão e cento e setenta milhões de indianos, paquistaneses e cingaleses. Na Índia, as principais comunidades de siddis ou habshis (abissínios, em árabe), como são geralmente denominados esses descendentes dos escravos, concentram-se nos estados de Gujarat, Andhra Pradesh, Maharashtra, Goa, Karnataka e Kerala. Com a exceção dos ditos siddis reais, um grupo islamizado originário de populações cuchíticas e hamíticas da Etiópia, os demais afro-indianos, de origem bantu (Kenya, Tanzânia, Moçambique), pertencem à casta inferior dos *dalit*, i.e. dos “intocáveis” dentro do sistema hinduista, sendo, em alguns estados, paradoxalmente beneficiados pelo estatuto oficial de “tribo repertoriada”. A maioria dos siddis são muçulmanos mas, em Goa e no Karnataka, muitos deles aderiram ao hinduísmo ou ao catolicismo, sem ter renunciado a algumas práticas trazidas da África. Até hoje não há o menor indício de algum estudo lingüístico relativo a qualquer falar dos siddis, além de simples observações sobre o fato de que, nas regiões onde se fixaram, os diversos grupos fariam variantes dialetais, percebidas como “deturpadas”, das diversas línguas adotadas por eles, algumas indo-arianas (gujarati, urdu, dialeto cutchi do sindhi, marathi e konkani) e outras dravidianas (kannada, tulu, malayalam). Menciona-se, não poucas vezes, que seus dialetos são enxertados por palavras e frases supostamente oriundas de línguas bantus que lembrariam o swahili. No presente paper apresentar-se-á, primeiramente, um apanhado geral da situação social, cultural e lingüística dos núcleos afro-indianos localizados. Em segundo lugar, discutir-se-á a metodologia a ser usada para a execução de um programa de resgate etno-lingüístico do falar característico dos siddis-konkani, que são os descendentes de escravos bantus que fugiram da Goa colonial, para aquilombar-se fora dos limites das possessões da Coroa Portuguesa, nas densas florestas montanhosas dos Ghats Ocidentais, no atual distrito de Uttar Kannad, no Karnataka, onde, recentemente, perderam seu isolamento através contatos com a população circundante de língua kannada, um membro da família dravidiana. O projeto integrado, que é coordenado por dois linguistas da UNIR, cuja primeira formação foi bantuista, J.-P. Angenot e B. Kempf, conta com a colaboração das universidades de Goa e de Leiden. Almejamos descrever o idioma desses afro-indianos e, assim, verificar nossa hipótese segundo a qual, o siddi-konkani deveria ser definido como um anti-crioulo (cf. Couto, 1992) em fase glotonásica, em razão de seu substrato lexical parcialmente oriundo de um sabir luso-bantu e de seu superstrato gramatical konkani, característico da variante usada pelos “brâmanes católicos” (sic!). Esse dialeto konkani da casta dominante de Goa poderia, por sua vez, ser ele mesmo tachado de anti-crioulo (cf. Kempf, Angenot, Vegini & Angenot-de Lima), com base no seu substrato lexical konkani e no seu superstrato gramatical português, uma “mistura” que contrasta com o konkani original preservado pelos hindus dos estados limítrofes de Goa e do interior rural de Goa. Em conclusão, sugerimos que o siddi-konkani constitui um caso de anti-crioulo no segundo grau.

### **A predicação na língua geral de mina**

Silvia Margarete Cunha Souza (USP)

Este trabalho apresenta parte dos resultados da descrição da língua registrada no manuscrito *Obra nova de língua geral de mina*, de 1741, cujo autor é António da Costa Peixoto. Essa língua, que teve no contexto da escravidão no Brasil setecentista o estatuto de língua veicular, era falada pelos escravos provenientes da África Ocidental e

destinados ao trabalho nas minas de ouro e diamante da região aurífera mais produtiva de Minas Gerais no século XVIII.

### **Dois critérios para classificação de palavras em língua brasileira de sinais**

Lucinda Ferreira (MEC, UFRJ) e Carla Valéria de Souza Faria (UFRJ)

Neste trabalho, pretendemos discutir dois critérios para classificar palavras em Língua Brasileira de Sinais: um de ordem sintático-semântico e outro de ordem semântico-pragmático. O primeiro permite agrupar palavras com valência (restrita ou não), de um lado, e sem valência, de outro. A base para a discussão desse critério foi o estudo sobre um verbo leve ou verbo sem valência da Língua Brasileira de Sinais (Ferreira, L., a sair) e o estudo sobre direcionalidade (Ferreira, L e Nakasato, R., a sair). O verbo leve aparece sempre no final das sentenças e é uma categoria funcional que veicula nada mais do que as marcas de tempo passado e de negação. É apenas suporte de marcas morfológicas. As estruturas direcionais pedem sempre e apenas uma fonte e um alvo ou locativo. Os classificadores, por outro lado, não aparecem em posição verbal e, embora possam vir incorporados ao verbo, funcionam como argumento e com papel temático, que, geralmente, é um tema ou um locativo, o que os coloca em uma classe de palavras limitadas quanto ao tipo de papel temático que recebem. Assim, teríamos, de acordo com esse critério, cinco grupos de palavras: com valência plena, com valência restrita, sem valência, as que são limitadas quanto ao tipo e número de papéis temáticos que recebem e as que não apresentam limitação quanto ao recebimento de papéis temáticos. O segundo critério, semântico-pragmático, evidencia a importância do contexto interacional na formação de palavras dêiticas, principalmente daquelas dotadas de direcionalidade, evidenciando a imposição de fatores pragmáticos sobre a estruturação morfossintática das sentenças e mesmo das palavras. Este critério permite reconhecer em dois grupos distintos as palavras dêiticas das palavras não dêiticas. Seriam esses critérios específicos para a classificação de palavras em Língua Brasileira de Sinais ou seriam eles decorrentes da modalidade visual-espacial de língua? Neste caso, até que ponto esses critérios poderiam servir de subsídios para uma classificação de palavras também em línguas orais-auditivas, posto que ambos consideram que o principal fator a ser levado em conta é o funcional. Se é a função que estabelece a que classe pertence uma palavra, o significado bem como o contexto são fatores fundamentais nesse processo.

### **Dois casos de referência em língua brasileira de sinais**

Lucinda Ferreira (MEC, UFRJ) & Ricardo Nakasato (FENEIS/SP)

Uma língua de sinais, devido ao canal visual-espacial que veicula suas estruturas, apresenta casos de referência que levam a um referente único e casos de referência a dois ou mais argumentos, ao mesmo tempo. A referência a mais de um argumento, simultaneamente, ocorre quando duas características espaciais se fazem presentes: a simetria e a direcionalidade, o que atribui às estruturas direcionais um caráter também simétrico. A simetria é uma característica espacial muito fortemente presente na estrutura das línguas de sinais em geral. De acordo com alguns autores, ela exerce um papel muito importante na mudança da estrutura de sinais que perdem sua iconicidade para tornarem-se mais simétricos (Klima e Bellugi, 1979). Em narrativas, a simetria também pode ser afetada pelo contexto, quando ela assume uma forma bem peculiar que revela ou explicita pistas contextuais. Por outro lado, a direcionalidade é tida como uma característica espacial muito particularmente afetada por fatores do contexto pragmático-interacional que são transparentes na forma ou estrutura dos itens lexicais e das sentenças. As estruturas que expressam direcionalidade também apresentam uma certa simetria ao pedirem sempre dois argumentos, uma fonte e um alvo/locativo. Entretanto, a direcionalidade pode chegar a um nível de convencionalidade tal que passe a fazer parte da própria estrutura da língua independentemente do contexto. Pretendemos, assim, mostrar que a estruturação lingüística de uma língua está sempre sendo norteada por essas duas forças: a do contexto e a da própria estrutura da língua.

### **A adequação fonológica e fonotática dos empréstimos portugueses em Oro Mon (Rondônia)**

Oziel Marques da Silva & Geralda Angenot-de Lima (UNIR)

O Oro Mon constitui o representante mais setentrional do Grupo dialetal do Wari', uma língua indígena da família Chapakúra falada no município de Nova Mamoré, em Rondônia. Após sua "pacificação" ocorrida na década de sessenta, os Wari' teceram relações cada vez mais estreitas com a população brasileira não-indígena, que se consolidaram com a política de alfabetização bilíngüe e que resultaram na incorporação de um grande número de empréstimos da língua portuguesa. No presente trabalho serão discutidos alguns processos de filtragem perceptual particularmente expressivos do sistema de adequação fonológica e fonotática desses empréstimos que foram assimilados pela língua materna dos falantes do Oro Mon. As análises que propomos, na abordagem conceitual da Fonologia Lexical e da Geometria dos Traços, articulam-se em três fases: (a) o *input* fonético português; (b) a representação fonológica subjacente Oro Mon, resultante de processos perceptuais; (c) o *output* fonético Oro Mon,

resultante de processos articulatorios. Nos exemplos seguintes, os diacríticos e referem-se aos limites internos de palavra, respectivamente, fracos e fortes: fotografia æðçÒáæééá èiðitèãáðééá èiðò¹Òièðééá ; *falar* æáíàè áááá áÒá ; *batata* âááááá íáááð íáááð ®

#### Referência

Oziel Marques da Silva (em preparação) *A Arquitetura das Representações Fonológicas do Oro Mon*. Guajará-Mirim, RO: Dissertação de Mestrado em Etnolingüística.

#### Os processos perceptuais do componente prélexical: A nativização dos empréstimos espanhóis em Moré (Bolívia)

Geralda Angenot-de Lima & Julsimary Almeida Souza (UNIR)

A identificação dos processos perceptuais de nativização dos empréstimos do dialeto espanhol próprio à Amazônia boliviana, assim como do “portunhol” em uso na região fronteira com o Brasil, constitui o fator mais relevante da avaliação do grau de produtividade relativa de cada componente do sistema fonológico do Moré, uma língua ameaçada de extinção da família Chapakúra (Angenot-de Lima, 2002). O material acústico formado pelas seqüências fonotáticas e os sons específicos da língua-fonte que são desconhecidos em Moré é reinterpretado através dos filtros fonológico e morfológico desta língua-alvo, por meio de aproximações sucessivas. Tradicionalmente, a Fonologia dos Empréstimos (*Loan Phonology*) foi tratada como uma área relativamente marginal ou anedótica até ser reabilitada pela Fonologia Natural. No presente trabalho, propomos integrá-la dentro do quadro teórico da Fonologia Lexical, sugerindo o acréscimo de um terceiro componente dito prélexical aos dois componentes lexical e pós-lexical do modelo idealizado por Kiparsky e Mohanan. Este componente necessita de 53 processos perceptuais de adequação, sucessivamente, fonotática, desalofonizante e fonotática. À guisa de ilustração, apresentaremos, através de uma adaptação do modelo arquitetural da Geometria dos Traços de Clements, os processos de reinterpretação perceptual das consoantes alveolares, atestadas em exemplos tais como: *Raul* óáðì / áááðò Òáð ; *Maria* íáðééá / íáðééá íÒééá ; *Nestor* íÁóòtò íÁóó íÁóó ®

#### Referência

G. Angenot-de Lima (2002) *Description Phonologique, Grammaticale et Lexicale du Moré, langue Amazonienne de Bolivie et du Brésil*. Porto Velho, RO: Editora da Universidade Federal de Rondônia. 2 volumes. 958 pp.

### **Os resquícios africanos de substrato bantu na Índia: um conspecto e um projeto integrado de resgate**

Jean-Pierre Angenot, Geralda Angenot-de Lima & Barbara Kempf (UNIR)

Bem antes do tráfico negreiro para as Américas e, depois, paralelamente a ele, existiu outro tráfico semelhante, praticamente esquecido pela História, que transplantou inúmeros escravos da África Oriental para o Extremo-Oriente asiático, das Índias até a China. Esse “comercio” iniciado pelos árabes e retomado pelos portugueses prosperou até o século XIX. Haveria hoje cerca de 250.000 afro-indianos no seio de uma população somada de um bilhão e cento e setenta milhões de indianos, paquistaneses e cingaleses. Na Índia, as principais comunidades de siddis ou habshis (abissínios, em árabe), como são geralmente denominados esses descendentes dos escravos, concentram-se nos estados de Gujarat, Andhra Pradesh, Maharashtra, Goa, Karnataka e Kerala. Com a exceção dos ditos siddis reais, um grupo islamizado originário de populações cuchíticas e hamíticas da Etiópia, os demais afro-indianos, de origem bantu (Kenya, Tanzânia, Moçambique), pertencem à casta inferior dos *dalit*, i.e. dos “intocáveis” dentro do sistema hinduista, sendo, em alguns estados, paradoxalmente beneficiados pelo estatuto oficial de “tribo repertoriada”. A maioria dos siddis são muçulmanos mas, em Goa e no Karnataka, muitos deles aderiram ao hinduísmo ou ao catolicismo, sem ter renunciado a algumas práticas trazidas da África. Somente as populações afro-indianas do Gujarat já foram o objeto de esboços de pesquisas antropológicas e etno-musicológicas. Até hoje não há o menor indício de algum estudo lingüístico relativo a qualquer falar dos siddis, além de simples observações sobre o fato de que, nas regiões onde se fixaram, os diversos grupos falariam variantes dialetais, percebidas como “deturpadas”, das diversas línguas adotadas por eles, algumas indo-arianas (gujarati, urdu, dialeto cutchi do sindhi, marathi e konkani) e outras dravidianas (kannada, tulu, malayalam). Menciona-se, não poucas vezes, que seus dialetos são enxertados por palavras e frases supostamente oriundas de línguas bantus que lembrariam o swahili. No presente paper apresentar-se-á, primeiramente, um apanhado geral da situação social, cultural e lingüística dos núcleos afro-indianos localizados. Em segundo lugar, discutir-se-á a metodologia a ser usada para a execução de um programa de resgate etno-lingüístico do idioma dos ditos siddis-konkani, que são os descendentes dos escravos bantus que fugiram da Goa colonial, para aquilombar-se fora dos limites das possessões da Coroa Portuguesa, nas densas florestas montanhosas dos Ghats Ocidentais, no atual distrito de Uttar Kannad, no Karnataka. O projeto integrado, que é coordenado por dois linguistas da UNIR, de primeira formação bantuista, J.-P. Angenot e B. Kempf, e que conta com a colaboração das universidades de Goa (departamento de konkani e departamento de português) e de Leiden (departamento de lingüística africana), pretende identificar quais seriam os resquícios do substrato bantu na constituição desse dialeto afro-indiano de superstrato indo-ariano konkani, assim como as contribuições dos adstratos português e kannada, língua dravidiana dominante no Karnataka.

### **A partícula multifuncional "na" no crioulo guineense e a hipótese da relexificação**

Hildo Honório do Couto (UnB)

Um substratófilo poderia considerar a preposição *na* e partícula homônima de imperfectividade progressiva *na* do crioulo guineense como oriundas do português. Elas ocorrem em construções como *Jon sta na si kasa* 'João está em sua casa' e *Jon na studa* 'João está estudando'. Os argumentos seriam os de que a preposição proviria diretamente de *na* (em+a) e partícula progressiva de construções como *Ele está a cantar*. O objetivo desta comunicação é mostrar que o morfema *na* do guineense efetivamente provém da preposição portuguesa, mas tomou dela apenas a matriz fonética. A semântica e a função provêm das línguas de substrato africanas, como previsto pela hipótese da relexificação, como defendida por Lefebvre e colaboradores. A hipótese prevê que praticamente todo o léxico das línguas crioulas passam por esse processo.

### **Um caso de glototanásia? A morte anunciada do português goês e o porvir do konkani**

Barbara Kempf, Jean-Pierre Angenot, Valdir Vegini & Geralda Angenot-de Lima (UNIR)

Goa, antiga posse portuguesa da Índia, se tornou *um cas de figure*, um lugar de possível exemplificação para uma glototanásia programada e previsível: o português, tanto como língua da religião católica do que como língua da classe dominante e dos seus agregados do período colonial vai provavelmente desaparecer de Goa, em razão direta do desaparecimento dos seus falantes: quando o atual consul-geral de Portugal afirma, em 2002, que é "muito fácil encontrar pessoas com mais de 50 anos a falar português", ele está de fato dizendo que é muito difícil encontrar pessoas de menos de 50 anos falando esta língua. O português foi praticamente substituído pelo inglês, tanto como língua transversal do que como língua da classe dominante; os goeses cristianizados preferindo que seus filhos falem inglês, e não konkani. O konkani, por sua vez, apesar de ter conquistado o estatuto de língua oficial do estado de Goa, acha-se desprestigiado por 500 anos de submissão cultural a Portugal, pela ampla variação dialetal (social e regional), pelos vários sistemas de escrita usados (devanagari, kannada, malayalam e latino), e pelo peso demográfico do marathi, do qual alguns até consideram que o konkani é tão somente um dialeto. O ecossistema lingüístico extremamente complexo vigente em Goa – como é freqüentemente o caso alhures na Índia –, com várias

constelações diglôssicas e um multilingüismo generalizado, apresenta um amplo leque de tipos de contato e de interferências entre línguas. Com base na tipologia de Thomason & Kaufman (1988) revista por Clements (1996), e a partir de uma compilação dos dados de Dalgado (1913), tentaremos verificar em que medida: (a) a fala portuguesa de Goa apresenta traços fonéticos e estruturais do konkani; (b) o konkani apresenta traços da influência do português; (c) a acomodação lingüística atual se manifesta em direção ao marathi e/ou ao inglês, isto é, as duas línguas que substituíram o português como fonte de empréstimos e pólo de atração.

### **Resquícios de africanismos lingüísticos no Brasil**

Hildo Honório do Couto (UnB)

Na época colonial deve ter havido um intenso contato de línguas no Brasil. Com o início da importação de escravos africanos, as línguas desses povos devem ter tido um papel muito importante nesse processo. A tal ponto que alguns estudiosos chegaram a dizer que houve línguas gerais (línguas francas) africanas no país (Nina Rodrigues, Honório Rodrigues). Até hoje se tem discutido se desse contato surgiu um crioulo aqui. Alguns falam em resquícios de criouliização prévia (Baxter, Lucchesi, Gilbert), outros falam em semi-criouliização (Holm, Mello, Souza). Meu objetivo nesta comunicação não é discutir essas importantes questões. O que pretendo fazer é discutir os resquícios de afrinamismos lingüísticos existentes no Brasil, independentemente da questão criouliização/não criouliização, salientando algumas de suas causas e conseqüências. Esses resquícios podem ser respigados em comunidades de ex-quilombos, nos rituais afro-brasileiros, no léxico geral da língua e, talvez, em alguns fenômenos morfológicos em fase adiantada de extinção. Alguns deles seriam a flexão no início da palavra.

### **A questão da produtividade na morfologia derivacional do crioulo guineense**

Maria Aparecida Curupaná da Rocha de Mello (FACPLAN - DF)

Sabe-se que os estudos lingüísticos vêm afirmando que os crioulos abrigam pouca ou mesmo nenhuma morfologia. Este critério envolve a idéia de que todos os itens formadores de palavras são produtivos nas línguas crioulas. Alguns autores refutam tal pensamento, ou seja, afirmam que há, nas línguas crioulas, resíduos morfofonêmicos, assim sendo, nem todos os processos de palavras são itens produtivos. Nossa comunicação propõe uma investigação acerca deste pensamento dentro do crioulo guineense. É sabido que a Guiné-Bissau apresenta uma característica lingüística complexa, mas constitui-se numa comunidade de fala. Esta comunidade apresenta variações que vão do hipoleto ao acroleto. Pretendemos também, através da metodologia da Lingüística de *Corpus*, apontar as manifestações morfológicas na estratificação lingüística e testarmos o grau de contágio deflagrado pela convivência da língua lexificadora no território guineense.

### **Línguas em extinção - o haketia**

Cássia Scheinbein ([caschein@bhnet.com.br](mailto:caschein@bhnet.com.br))

Este trabalho faz parte de um projeto que se iniciou em 1996, sob a orientação da professora Dra. Maria Antonieta Amarante Cohen, que trata do Judeu-espanhol, uma língua românica e judaica. Ele enfoca a vertente ocidental do Judeu-espanhol: o Haketia (variante marroquina).

Em 1492, os judeus espanhóis que não aceitaram converter-se ao Catolicismo foram expulsos da Espanha pelo Rei Fernando e pela Rainha Isabel. Esses exilados conhecidos por Sefarditas, que tinham o conhecimento do Espanhol basicamente do fim do século 15 e do princípio do século 16, seguiram três rotas principais de exílio, sendo Marrocos uma delas, onde construíram consideráveis comunidades em Tanger, Fez, Tetuão e Meknes. Sua língua era uma mistura de espanhol e árabe - o Haketia.

O Haketia foi sobretudo uma língua oral, falada no recesso dos lares, na intimidade das conversações, nos mercados e nos pátios das sinagogas. Era usada na fala diária, servia para discutir, ofender, arrepender-se e para o uso de expressões significativas. É uma língua ágrafa do norte da África que divide-se em dois subdialetos: o subdialeto de Tânger e arredores e o subdialeto de Tetuão e arredores.

O Haketia é uma língua muito rica em expressões religiosas, em refrãos, ditos jocosos, e provérbios que falam de abandono, de ingratidão, de vinganças e mortes, de maldição. Está presente nas canções, nos romances. Carrega consigo forte carga emocional.

A língua está em vias de extinção, pois ela é de pouco prestígio, falada por uma minoria da população, em oposição à outra língua dominante ou línguas da mesma comunidade ou país.

É pouco estudada e conhecida e que pertenceu à uma cultura tão próspera no passado.

### **Bickerton irreconciliável: o conceito de protolinguagem e sua inadequação para uma abordagem evolutiva e social da linguagem.**

Humberto Luiz Galupo Vianna (UFMG: [btvianna@zaz.com.br](mailto:btvianna@zaz.com.br))

Em *Language & species* (1992), Dereck Bickerton oferece-nos uma narrativa sobre a constituição evolutiva da linguagem, que, longe de ser nova, está em harmonia com uma tradição nas ciências linguísticas e biológicas, que é do tratamento da linguagem como *capacidade*, de algum modo pré-determinada em nosso aparato biológico. A questão do “surgimento” da linguagem no humano, portanto, só se torna relevante a partir da pressuposição de uma diferença inter-específica nesse aparato. Por um lado, o autor endossa uma linha representada pela escola gerativista, de abstração da dimensão social da linguagem, mas, mais que isso, Bickerton procura reintroduzir a história nas preocupações sobre a linguagem chamando atenção para a *origem* desse sistema em nossa própria espécie.

O conceito-chave de Bickerton para sua estratégia de reconciliar a história e o “núcleo duro” da linguagem é o de *protolinguagem*. O conceito é utilizado para reafirmar uma diferença fundamental entre a linguagem do humano adulto e um estágio considerado inferior ou anterior, exemplificado a) pelas atividades interacionais de primatas não-humanos enculturados (e, por inferência, por estágios passados na linhagem humana); b) das crianças em suas primeiras fases de desenvolvimento linguístico, e c) pelos usuários de línguas pidgin. O argumento de Bickerton é que os dois sistemas diferem em complexidade da estruturação sintática, bem como é a própria sintaxe que lidera esse diferencial cognitivo em uma perspectiva histórica, um movimento que incorpora os processos evolutivos e de desenvolvimento da linguagem ao quadro teórico do gerativismo (em linguística) e do cognitivismo (em ciências cognitivas).

Pretendo demonstrar que a incorporação proposta por Bickerton é “irreconciliável”, pois as bases teóricas sobre que se assentam suas pressuposições históricas dependem de aceitarmos uma certa biologia que desconsidera as contingências e o contexto do desenvolvimento ontogênico, inadequada, portanto, para a abordagem de um comportamento interacional como a linguagem. Considero, ainda, que a presente discussão é igualmente relevante para uma análise histórica dos processos de *pidginização* e *crioulização*, em que sempre corremos o risco de incorporar metáforas neodarwinianas (tratadas com mais sensibilidade pelo próprio Darwin) e pan-selecionistas sobre estruturas incipientes.

#### Bibliografia

- BICKERTON, Dereck. *Language & species*. Chicago, UCP, 1992
- CALVIN, William and BICKERTON, Dereck. *Lingua ex machina: reconciling Darwin and Chomsky with the human brain*. Cambridge, MIT, 2000
- DARWIN, Charles. *A origem do homem e a seleção sexual*. São Paulo, Hemus, 1974 (*The descent of man and selection in relation to sex*, 1871)
- DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. São Paulo, Hemus, 1981 (*On the origin of species by means of natural selection*, 1859)
- DEACON, Terrence. *The symbolic species: the co-evolution of language and the brain*. New York, W. W. Norton, 1997
- GOULD, Stephen Jay. *Ontogeny and phylogeny*. Cambridge, Harvard University Press, 1977
- LIGHTFOOT, David. *The development of language: acquisition, change and evolution*. Malden, Blackwell, 1999
- SAVAGE-RUMBAUGH, Sue & LEWIN, Roger. *Kanzi: the ape at the brink of the human mind*. New York, John Wiley & Sons, 1994
- MASUDA, Hirokuni. "Creolistics, biolinguistics, and the evolution of superstructure". Paper apresentado na conferência Evolution of Language: Fourth International Conference. Harvard University, 27 a 30 de março/2002
- PINKER, Steven. *The language instinct: how the mind creates language*. New York, Harper Perennial, 1995

#### **Estudo comparativo dos crioulos portugueses do Golfo da Guiné: o são-tomense, o angolar, principense e o anobonês**

Djiby Mane (Faculdade da Terra de Brasília - FTB).

Como o título indica, nesta comunicação vou fazer um estudo comparativo dos crioulos afro-portugueses falados no Golfo da Guiné nos países de São Tomé e Príncipe e da Guiné Equatorial. Trata-se do são-tomense, do angolar, do principense e do anobonês localmente conhecidos como lungwa san tome ou san tome, lungwa ngóla ou ngóla, lun'Gwiye ou Moncó e fá d'ambu. O objetivo é averiguar se esses crioulos têm os mesmos fonemas e padrões silábicos. A partir disso, procurar-se-á afirmar se os quatro crioulos são quatro línguas diferentes ou dialetos de uma única língua.

#### **Criações léxicas em bairros rurais**

Mary Francisca do Careno (UNAERP/ UNESP)

Os brasileirismos encontrados na Língua Portuguesa são entendidos como sendo arcaísmos preservados na América, ou seja, a língua que os colonizadores trouxeram para o Brasil e que se praticava em Portugal no século XV. Podem ter uma base léxica portuguesa com morfemas iniciais e/ ou finais acrescidos no Brasil (brasileirismos ‘per accidens’) ou podem se diferenciar do português padronizado por possuírem outra significação (‘brasileirismos semânticos’. (Melo, 1975, p.156)

O objetivo desta comunicação é apresentar um levantamento desses elementos léxicos surgidos em gravações feitas em bairros rurais, cuja população é de absoluta maioria negra, localizados na zona rural de três municípios da região sul do Estado de São Paulo. O isolamento da região por muitos anos permitiu que se conservassem expressões consideradas brasileirismos gerais por diversos autores (Elia 1975 e 1979; Marroquim 1945; Amaral 1920; Ferreira 1986, entre outros), todavia da fala de seus habitantes foi possível organizar dois glossários: 1) com palavras dicionarizadas, mas com significados diferentes (brasileirismos semânticos); 2) com palavras criadas através da anexação de afixos e que não constam nos dicionários da Língua Portuguesa consultados (brasileirismos ‘per accidens’). Surgiram também tupinismos, alguns africanismos e vários arcaísmos.

O estudo permite conhecer focos de preservação da língua e verificar até que ponto os processos de irradiação linguística, produzidos em aglomerações urbanas, podem influenciar contingentes de moradores de bairros isolados.

### **Línguas não-territorializadas: o haketia, o judeu-espanhol oriental e a língua dos 'calons'**

Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen (UFMG: tilah@dedalus.lcc.ufmg.br)

A história da realidade linguística brasileira tem sido objeto de vários projetos de pesquisa que complementarmente levarão a um enriquecimento do conhecimento nessa área. As relações etnolingüísticas têm sido privilegiadas e os tópicos pesquisados são variados: há interesse sobre o *talian* do rio grande do sul, revisões da tradicional '*influência africana na formação do português brasileiro*', como também estudos sobre a interação entre línguas minoritárias e o português, dentre outros.

Nesta comunicação serão apresentados aspectos da interação de algumas línguas minoritárias no espaço geográfico de Minas Gerais. São línguas consideradas não-territorializadas, no sentido de não serem línguas nacionais ou oficiais de/em nenhum estado nacional, mas seus remanescentes interagem com o português mineiro. Trata-se dos resquícios do *judeu-espanhol* (ocidental e oriental) e da língua dos *calons* (ciganos). Como línguas não-territorializadas registra-se uma verticalização no seu uso, o que ocorre com línguas em extinção, como, por exemplo, o francoprovençal. Serão abordados aspectos de sua socio-história e de suas estruturas.

### **Concordância verbal em Cinzento: uma página da gramática do português afro-brasileiro.**

Jorge Augusto Alves da Silva (UESB)

São inúmeras as tentativas de explicação sobre a origem do português popular do Brasil, em uma dessas tentativas a análise do português falado por comunidades afro-brasileiras tem contribuído para esclarecer a teoria que postula uma origem crioula daquela variedade de português. A comunidade afro-brasileira denominada Cinzento, situada a 430 km de Salvador - Bahia, apresenta índices de variação que apontam para um estágio anterior quando a não marcação do número e da pessoa fazia-se com a presença do pronome sujeito. Formada no século XIX por negros fugidos, Cinzento distingue-se das outras comunidades rurais pela etnia de seus moradores, pela endogamia, pela conservação da terra como elemento principal de unidade comunitária. A constituição do *corpus* básico, formado de 12 entrevistas com cinzentenses distribuídos por gênero e faixa etária, serviu para a presente análise que procura explicar como no português popular rural ocorre a variação verbal em P6 à luz da teoria da transmissão linguística irregular.

### **Concordância verbal na “língua de preto” de Gil Vicente.**

Jorge Augusto Alves da Silva (UESB)

Em 1441, verificam-se os primeiros registros de negros escravos aportando em Lisboa. “Escravos cativos” ou “pretos cativos” serviam à Metrópole dentro e fora do espaço doméstico. Vindos adultos para Portugal, aprendiam precariamente o português com o qual mantinham contato com seus senhores, operando uma redução na estrutura gramatical da língua do dominador. Os pretos de Gil Vicente, segundo Carolina Michaelis de Vasconcelos (Vasconcelos, 1949: 497), são chamados negros de Benim ou da Guiné, os Guineus. Sobre esses negros Vasconcelos afirma que eles “não conjugam verbos, nem fazem concordâncias”. A “língua de preto” aparece nas obras “Frágoa d’Amor” (1524), “Nao d’Amores” (1527) e “Clérigo da Beira” (1527? 1529). Ao analisar a concordância verbal na “língua de preto” de Gil Vicente, procuramos descrever as estratégias usadas para a marcação de pessoa e número e as variáveis estruturais que favorecem a concordância. Por fim, destacamos as

semelhanças entre a “língua de preto” e os dialetos afro-brasileiros de Helvécia (extremo sul da Bahia) e Cinzento (região sudoeste da Bahia).

### **A sílaba tônica como centro de processos morfo-fonológicos: (re) estruturação silábica no crioulo cabo-verdiano**

Ulisdete Rodrigues de Souza (UFMT)

Alguns processos fonológicos do crioulo cabo-verdiano (CCV) parecem ser motivados pela localização da sílaba tônica na palavra. Esse é o caso do alçamento do [a] para [ô] e da queda das vogais médias e altas em posição final de palavra, por exemplo. Com base em fatos dessa natureza, pretende-se apresentar nesta comunicação um estudo inicial desses aspectos na perspectiva da Teoria da Otimidade. O objetivo da escolha do tema e do quadro teórico de análise é o de evidenciar traços fonológicos específicos do CCV que podem ser resultantes da (re)organização de princípios gerais nessa língua.

### **Tétum-praça: a língua franca do Timor Lorosae**

Maria Aparecida Silva de Abreu (UnB)

O Timor Leste é um país com extensão territorial de apenas 18.900 km<sup>2</sup>, com aproximadamente 800.000 habitantes. A capital é Díli, onde reside mais ou menos a metade dessa população. O Tétum é uma língua da família das austronésias, que são faladas numa vasta área que vai de Taiwan, passa por Nova Zelândia, atinge algumas ilhas do sul e Madagascar. Uma versão simplificada dessa língua, com empréstimos do português, é falada em Díli e usada como língua franca: o tétum-praça (ou tétum-Díli). A outra, o tétum-terik, é falada por habitantes nativos de áreas rurais ‘isoladas’ e não sofre influência da língua dos colonizadores. O Timor pode ser um “paraíso” para lexicógrafos, gramaticistas, fonólogos e outros lingüistas que se interessem por análise de línguas, visto que mantém ainda doze grupos etno-lingüísticos. Apenas o tétum e o mambai parecem receber influências do português. Talvez, com o grande número de línguas de contato, o tétum-Praça possa ter recebido vocábulos também de outras delas. Mesmo que o tétum seja uma língua franca, falada pela maior parte dos habitantes, os líderes timorenses ainda preferem o português como língua oficial, talvez porque o tétum seja uma língua ágrafa. O Brasil integra a força multinacional de paz no território e envia, inclusive, professores de português. A duras penas, o Timor Lorosae (Timor do Sol Nascente), como é chamado em tétum por seu líder Xanana Gusmão, está se refazendo.

### **A língua dos ciganos do nordeste de Goiás**

Zilda Pereira da Silva (UnB: zildap@hotmail.com)

O trabalho tem por finalidade verificar alguns aspectos lingüísticos, relacionados ao vocabulário do romani falado pelos ciganos do nordeste do Estado de Goiás. Cigano é, comumente, definido como indivíduo de um povo nômade, que tem um código ético próprio e se dedica à música, vive de artesanato, de ler a sorte, barganhar cavalos. É, portanto, um termo genérico, assim com o termo índio. Dentro da etnia há subdivisões, e nelas, há famílias que fazem das tradições uma cultura própria de acordo com o grupo ao qual pertencem. O romani é língua muito complexa e variada; tem origem controversa e apresenta na sua história fatores que favorecem o desaparecimento de uma língua, como a redução do número de falantes, a ausência de mecanismos de preservação (como os registros escritos) e a perda de prestígio. Mas essa língua apresenta uma ampla distribuição geográfica. É falada em diversas partes do mundo, porém muda de nome de região para região. No Brasil, há dois grandes grupos: o rom e o calon. A pesquisa foi feita com grupo que vive no interior do estado de Goiás, percorrendo o território de quatro municípios do nordeste desse estado, a saber: Mambai, Posse, Buritinópolis e Alvorada do Norte. Não foi possível verificar a que subdivisão pertence e nem o número de integrantes, mas foi constatado que a maioria deles é residente em Mambai, de onde costumemente saem para as outras localidades para realizar suas atividades econômicas. O grupo entrevistado, atualmente, está residindo em Buritinópolis.

### **Crioulo da Guiné-Bissau: aspectos da expressão do progressivo**

Cleonice Candida Gomes (UCB/PG-UnB) & Heloísa Maria Moreira Lima Salles (UnB)

O presente trabalho examina a expressão do progressivo no crioulo da Guiné-Bissau. Verifica-se, nessa língua, a presença da partícula locativa em construções com progressivo (cf. (1)):

- (1) João na scribi  
João locativo escrever  
‘João está escrevendo’

Essa partícula é a mesma que antecede sintagmas nominais em construções não-progressivas (cf. (2)):

- (2) João sta na sala  
‘João está na sala’

Uma forma de discutir esse fato é considerar que a expressão do progressivo por meio da partícula locativa no crioulo da Guiné-Bissau resulta da influência da língua de substrato, nesse caso, a língua balanta.

Nessa língua, o progressivo é realizado por meio de uma perífrase: o morfema {Gi}, ao qual é anexado o morfema de pessoa, seguindo-se o morfema {a}, com valor locativo, e o tema verbo-nominal. O tema verbo-nominal é composto de classe nominal e raiz verbo-nominal. O exemplo em (3) ilustra o aspecto progressivo associado ao tempo presente em balanta:

(3) a-gi a gi-ridzi

3sg-prog locativo i/sg4-choro

‘(ele/ela) está em choro / (ele/ela) está chorando’

### **Sobre a noção de transmissão lingüística irregular nos estudos de línguas pidgins e crioulas**

Heliana Mello (UFMG), Anthony Naro (ufrj) e Marta Scherre (unb)

nesta comunicação, discutimos a noção de *transmissão irregular* presente em boa parte da literatura sobre línguas pidgins e crioulas, e a analisamos partindo do substrato teórico oferecido pela lingüística cognitiva (cf. dirven et al. 2000). tal discussão enfoca especificamente o caso do português brasileiro, como previamente estudado por naro & scherre (2001). nesse contexto, a transmissão lingüística regular é vista como se aplicando a crianças, a partir da fase de socialização, na base de uma amostra de fala susceptível de uam análise ordenada. por sua vez, a 'transmissão lingüística irregular', se daria entre adultos e/ou com base em fala não susceptível de uma análise ordenada, talvez por ser caótica, ou por ser em quantidade insuficiente, ou ainda por outras razões. mostramos, então, que o conceito de *transmissão irregular* carece de bases epistemológicas sólidas, e que da forma como é utilizado atualmente, baseia-se majoritariamente em motivações idológicas subjacentes ao discurso dos teóricos que o utilizam.